

# ENTREVISTA

## Educação & Direitos Humanos na Fronteira Franco-amapaense

# Kátia Domingos

Ramiro Esdras Carneiro Batista<sup>105</sup>

**Kátia Cilene Neres Domingos** tem 53 anos de idade e se apresenta como uma mulher amapaense, cristã, mãe de quatro filhos (entre biológicos e adotivos), e avó de quatro netinhos. Natural de Macapá/AP, a professora Kátia é engajada na luta por educação pública de qualidade, cidadania e direitos humanos na fronteira franco-amapaense. Educadora da rede federal de ensino desde o início da carreira docente, atualmente está lotada no Centro Cultural Franco-Amapaense (CCFA-AP), além de ser titular da Secretaria de Relações Internacionais do Sindicato dos Servidores Públicos Federais no Estado do Amapá (SINDSEP/AP), sendo uma das responsáveis pelo estreitamento das relações entre o órgão sindical e os trabalhadores e trabalhadoras em condição de vulnerabilidade, em ambos os lados da fronteira guianense<sup>106</sup>.

---

<sup>105</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Colaborador no Diretório de pesquisa *Cidade, Aldeia & patrimônio na Amazônia* (UFPA-CNPq).

<sup>106</sup> Entrevista realizada por meio remoto, em atenção aos protocolos sanitários. Cumpre mencionar que o conteúdo do diálogo foi resumido e editado em atenção às observações da entrevistada. Na oportunidade, agradecemos a Professora Ros'elles Magalhães Felício (UNIMONTES), pelo esforço conjunto no trabalho de transcrição e revisão.

Figura 9 – Kátia Domingos. Foto: Arquivo da entrevistada (2017)



*Ramiro Esdras* – **Prezada Kátia, em nome dos organizadores do Caderno 4 Campos, agradeço a disponibilidade em dialogar conosco. Vamos começar com algo que marca muito a sua atuação no Oiapoque, que é a condição das trabalhadoras e trabalhadores brasileiros na fronteira. Melhoraram os índices de trabalho digno e atento aos direitos fundamentais inerentes a pessoa humana na região?**

*Kátia Domingos* – Agradeço a oportunidade, querido. Te respondo isso de forma bem direta, digo que as melhorias têm ocorrido no campo do que é “de direito”, do que é normativo, mas ainda estamos longe de alcançar uma melhora “de fato”. Estamos longe, mas em condição do plenamente alcançável, se persistirmos. Afirmo isso, porque nossa luta tem servido para um maior despertar por parte dos trabalhadores e trabalhadoras da fronteira... as pessoas têm refletido sobre sua realidade com consciência! Elas têm entendido sua própria importância e protagonismo em mudar a forma como, profissionalmente, têm sido expostos às insalubridades e injustiças laborais. Sem as devidas condições de trabalho. Sem as necessárias formações e equipamentos que... que melhorem a qualidade de vida e saúde das trabalhadoras e dos trabalhadores. Mas nós não vamos parar até que isso seja uma realidade na Amazônia e no mundo...

*Ramiro Esdras* – **Você pode nos falar um pouco de sua história de vida e referências pessoais? Como você iniciou sua vida profissional? Quem são as mulheres e os homens que te inspiram no trabalho com direitos humanos nas Amazônias?**

*Kátia Domingos* – Sou (fui) professora no interior do estado desde muito jovem. Aos dezoito anos já estava com regência de turmas na região do rio Tartarugalzinho. Eram três turmas: manhã, intermediário e tarde. Parava só para comer e isso, muito rapidamente. À noite ainda retornava para ajudar no serviço burocrático da escola. Foi uma época de muito trabalho e muito entusiasmo. Faço parte da geração de servidores públicos do Território Federal do Amapá (TFA), pessoas de muito valor que ajudaram a fazer a transição do antigo território para o ente federado Estado *na unha*, na maior parte das vezes, sem as condições de trabalho ideais. Naquela época, tínhamos a visita de supervisores da Secretaria da Educação (SEED),

uma vez por ano... O restante do tempo, éramos nós conosco mesmas e Deus, a quem atribuo tudo. Tenho muito orgulho dos meus alunos e acompanho bastante a vida dos que se destacam como lideranças políticas e comunitárias em nossa terra. Fico muito feliz em reencontrá-los, homens e mulheres feitos, e ver como são pessoas idôneas e como estão bem, se realizando... muitos podem achar que é romantismo, mas eu não, eu acredito que para quem é professor, esta é a maior recompensa: saber que ajudou e que fez diferença na vida de muitos. Eu tenho muitas referências e a primeira delas é minha mãe, uma mulher humilde, forte e determinada que por anos foi lavadeira. Hoje, aos 83 anos, é aposentada e pensionista do governo federal e segue comigo, sendo meu referencial de força e fé. De estatura baixa, dava dó vê-la carregar aquelas enormes trouxas de roupas. Quando eu, muito menina, via essa situação, já sentia uma indignação me incomodar por dentro, me crescendo dentro do peito. Ficava pensando: Por que precisa ser assim? A “patroa” – era como mamãe chamava as senhoras para quem lavava roupas – não poderia pelo menos deixar e buscar as roupas? Isso evitaria que minha mãe fizesse tamanho esforço sozinha... Eu, por ser muito franzina, não podia ajudá-la com o peso, então caminhava ao lado dela, puxando conversa, para distraí-la da dura realidade. Isso é uma coisa que a gente só entende depois, não é Ramiro? Estudando as características da sociedade brasileira... As pessoas que têm uma vida melhor infelizmente não se reconhecem nos seus semelhantes, acham que o outro, o pobre, pode ser escravizado em relações de desigualdade. Outra pessoa que me inspirou de forma preponderante foi meu falecido pai. Um homem negro, que cheirava a trabalho. Era carpinteiro. Fazia malabarismos para sustentar seus seis filhos pequenos. Meu pai era o típico “cara mão-aberta”. Na minha infância era comum os vizinhos se socorrerem da generosidade dele para fazerem “empréstimos” de “mercadorias” (produtos alimentícios). Meu pai ganhava pouco, mas nunca nos deixou passar fome. Todos os dias, ao sair para trabalhar, me dizia: “*Filha, se vier algum vizinho pedir alguma coisa, pode dar. Se tivermos pouco demais, dê tudo... Deus proverá.*” Eu, com 13 anos era a filha mais velha e meu pai me ensinou o sentido e a importância de partilhar. Sempre me emociono muito quando lembro dele... [choro]. É meu referencial de fé, altruísmo e resiliência. Quando ele faleceu aos 61 anos, me deixou com a incumbência de cuidar de minha mãe e meus irmãos menores... foi seu último pedido, em sua saída para o hospital. Eu tinha apenas 14 anos. A realidade é muito dura para crianças pobres e órfãs. Mas agrava-se muito quando se mora em uma área de ressaca. Era o meu caso. A vida na ressaca é impossível se a gente não construir fortes laços de solidariedade entre as pessoas... Então, só me restou a opção de ir à luta. E eu fui e

me tornei “meio” advogada dos fracos e oprimidos. Nas minhas necessidades, buscava ajudar aos que eram mais necessitados que eu, isso me consolava. Exemplo: aos 14 anos eu abri uma sala de aula de reforço escolar. Lá eu oferecia ensino e alimentação aos amiguinhos da minha “ponte”, que tinham dificuldades de aprendizagem. A vida na ressaca me fez professora. Outras vezes, doava meu tempo em apenas ouvir as histórias de vidas dos idosos... houve vezes ainda que escondido de minha mãe, eu lavava carros na rua ou vendia “chopp com bolinho de trigo” para garantir o lazer e o material escolar de meus irmãos. Minha mãe, a essa altura já era profissional de limpeza e conservação em uma escola, mas seu baixo salário me causava constrangimento... eu optei por trabalhar cedo, para aliviar seu fardo e para que ela não se sentisse incapaz de nos sustentar. Fui à luta porque não tinha opção e nunca perdi a crença de que nossas histórias poderiam ter um final mais justo e feliz... como de fato ocorreu. Graças a Deus! Por isso, continuarei crendo e teimando que situações insalubres e desumanas não são naturais, não são vontade divina, podem sim e devem sim ser mudadas!

**Ramiro Esdras – Kátia, quando lhe conheci, você intentava fazer busca ativa de brasileiras e brasileiros em condição de vulnerabilidade social nas periferias de Caiena, salvo engano, em uma parceria firmada pela embaixada brasileira e a organização sindical que você defende. Um trabalho que, pude testemunhar, colocava sua própria segurança em risco, dadas as condições das pessoas consideradas como portadoras de permanência não legal, naquele pedaço da Amazônia. O que lhe motiva a trabalhar com os ditos “ilegais” em um país estrangeiro?**

*Kátia Domingos* – A situação dos brasileiros que migram para outros países sem uma rede de proteção social é muito triste. Olha Ramiro, eu acredito muito na solidariedade incondicional, somos todos irmãos e irmãs independente da origem ou condição de cada um... isso para mim resume a essência do cristianismo. Mas além de minha opção ética, a nossa organização sindical tem compromisso não apenas com os seus membros, mas com todos os trabalhadores e trabalhadoras da Amazônia guianense em condição de vulnerabilidade que pudermos alcançar... o nosso trabalho na Guiana Francesa vem de muitos anos e envolve uma rede de pessoas e instituições que atuam fortemente na questão

dos direitos humanos. Além do quê, não existem ganhos sem riscos. Eu me lembro de certa ocasião em que atravessava para *Saint George* e vivi efetivamente uma situação de assédio, por meio de um traficante de pessoas. O que é uma das duras realidades dessa área de fronteira que vulnerabiliza homens e mulheres, mas sobretudo as mulheres. Fiquei muito assustada. Creio que naquele momento, mesmo com tamanho medo, eu ainda não fazia a mínima ideia do real perigo por que passava. Sou uma pessoa de muita fé e creio piamente num livramento divino naquele dia, pois o catraieiro me fazia sinal para que não falasse com aquele estranho, que insistia que eu fosse com ele para Caiena, onde eu teria uma reunião com trabalhadores franceses naquela tarde. Mas se você quer saber mesmo, continuaria enfrentando tudo isso, se me fosse possível resgatar aquelas pessoas que vivem ali naquelas condições sub-humanas, vulneráveis à deportação a qualquer momento. Muitos brasileiros e brasileiras se submetem a pagamentos injustos, sob ameaça de denúncia de sua clandestinidade por parte dos patrões. É uma situação muito triste. Eles vivem prensados entre a possibilidade de serem pegos pela força policial e deportados, e a violência de relações de trabalho que podemos considerar, em alguns casos, como análogos a escravidão do passado. É tudo muito triste e exige políticas de proteção integradas em ambos os lados da fronteira...

**Ramiro Esdras – Nós sabemos que os acordos bilaterais celebrados entre o Brasil e a França para a região guianense – principalmente pelos ex-presidentes Lula e Sarkozy – inauguraram uma nova fase nas relações entre os países, que na época pareciam sinalizar para uma mudança radical nas relações de trabalho e direitos humanos na região. O que deu errado? Por que essa política de proteção aos homens e mulheres de fronteira não avançou desde aqueles anos?**

*Kátia Domingos* – Ramiro, são muitas as questões e interesses que interferiram no acordo e precisaríamos de muito tempo e muitas pessoas para falar disso... me lembro agora que desde março de 2017, entre os atrasos na inauguração; os conflitos sociais (entre eles a situação dos encapuzados que invadiram uma das reuniões que tratava da inauguração da ponte); a falta de reciprocidade de vistos de entrada e saída nos dois países; a cobrança de altas taxas de seguros da perspectiva francesa; enfim, muita coisa que aponta para uma falta

de reciprocidade que resumo em uma frase: parece que a ponte só tem única mão: *Saint Georges/Oiapoque*. A via de vinda. Há uma desigualdade latente nas condições do “acordo bilateral”, que contradiz a tal conexão que deveria existir. Lidamos ainda hoje com o que eu considero uma semiabertura da fronteira. Tenho fortes motivos para acreditar que entre os motivos para isso, a situação de carência, de falta de desenvolvimento econômico em nosso país, enfim, a fragilidade com que nossos irmãos se apresentam na fronteira faz com que sejamos vistos com desconfiança pelos nossos vizinhos do território ultramarino... além disso, a população guianense não é politicamente homogênea, existem muitas divisões internas entre os da colônia e os da metrópole, como você dever ter percebido. O fato é que somos vistos com desconfiança, essa é minha opinião. É que se trata, a meu ver, de uma política de abertura “fechada” de cooperação transfronteiriça que traz sim, descontentamento aos nossos representantes maiores, além de muita insatisfação para as pessoas que vivenciam o cotidiano da fronteira. Até hoje a Guiana teme uma migração em massa do “vizinho pobre para o vizinho rico”. Esse aspecto não atemoriza o lado brasileiro, não é uma preocupação para nós que somos o “vizinho pobre”, pois é comum vermos os franceses caminhando livremente no lado brasileiro, sem nenhum embargo. Então, é um acordo que não foi celebrado entre iguais, entre países autônomos que celebram a igualdade de condições no tratamento entre seus povos... Acho que não é um problema de tradução, mas da desigualdade que caracteriza as relações entre estados europeus e sul-americanos.

***Ramiro Esdras – Racismo e condição da mulher agora, se bem que já estamos falando nisso desde o início. Testemunhamos o discurso praticado acerca do suposto comportamento sexual das mulheres brasileiras na faixa fronteiriça. De onde vem tanto racismo e misoginia? Por que especialmente as mulheres brasileiras são tão estigmatizadas naquela fronteira?***

*Kátia Domingos – Acredito que tem relação com a vulnerabilidade social que expõe nossas irmãs ao tráfico para prostituição. É claro que não só as jovens brasileiras sofrem com isso. No caso das guianenses, tem a ver com o racismo que pode considerar mulheres de origem europeia “superiores”. É assustadora a total disparidade existente entre a valorização da francesa que mora na colônia (Guyane), com aquela que mora na metrópole (França). Porém,*

quando se trata da figura feminina brasileira naquela fronteira, a discriminação é ainda mais agressiva. Esses estereótipos criam dificuldades entre as próprias mulheres que não se reconhecem no sofrimento da outra, não entendem que a causa para a prostituição e a exploração sexual está no comportamento predatório daqueles que compram e abusam dos corpos femininos... que a causa não está na “fraqueza moral” daquelas que, de tão fragilizadas, são obrigadas a se submeter... enfim, o comum é que nossas irmãs sejam vistas como objetos sexuais ou profissionais do sexo. Tudo isso é oriundo de uma vida de grandes necessidades socioeconômicas. Essa situação se agrava muito quando associada à baixa escolaridade. Vou ilustrar... Conheci uma moça negra de uns 30 anos de idade, que se submeteu por anos a trabalhar como prostituta lá... por não ter uma formação acadêmica elevada, ela não conseguia um emprego que lhe pagasse o mínimo para sua sobrevivência e para a sobrevivência de seu filho de meses de vida, bem como a compra de uma moradia. Rapidamente ela percebeu que “vendendo o corpo” aos homens franceses, ganharia em uma noite o que levaria uma semana toda de trabalho insalubre no Brasil, para ganhar. Ela me contou... contou que trabalhou como profissional do sexo por longos e exaustivos três anos até que finalmente, após economizar cada centavo, pode ver o seu sonho realizado: comprou uma casa do lado brasileiro e trouxe seu filho para morar junto dela. Então, veja, ela optou por se arriscar no mercado de exploração sexual para adquirir uma segurança econômica mínima para si e sua família. Uma casa, um *séjour*,<sup>107</sup> um trabalho digno e minimamente protegido, tudo isso é muito difícil de ser adquirido por uma mulher pobre e sem boa formação escolar. Essa mulher conseguiu sair da prostituição e abriu seu próprio negócio de depilação e beleza, trouxe para si o filho que vivia com parentes na cidade de Macapá. Mas infelizmente, ela é a exceção! Muitas morrem e desaparecem para sempre buscando a vida melhor com ganhos em euro, submetendo-se a todo tipo de predação no mercado do sexo. Então eu considero um erro muito grande moralizar a questão. Por que considerar que uma mulher, porque é negra, porque é brasileira, ou por qualquer outra condição é uma máquina de fazer sexo é desconsiderar que elas estão constrangidas a isso... porque o mundo do trabalho é dominado por homens brancos, como eu posso dizer isso? Por pessoas que em condição de vantagem econômica, social, racial... que se utilizam disso para estabelecer relações abusivas com as mulheres. Então não é uma questão de moral ou de costume sexual, mas da fragilidade de mulheres imigrantes que precisam permitir a violação do próprio

---

<sup>107</sup> Certificado de permanência para estrangeiros (tradução livre nossa).

corpo para manterem-se vivas, para conseguirem algum dinheiro. Isso não é somente uma característica da Guyane, mas das mulheres no mundo. Mais recentemente temos percebido isso com as mulheres de nacionalidade venezuelana, que tentam construir uma vida no Brasil, também... é uma questão de políticas públicas e direitos humanos... de proteção às mulheres, que deve transcender as fronteiras nacionais.

**Ramiro Esdras – Acho que todos concordamos que a Amazônia é o centro do mundo agora, a partir de diferentes perspectivas. Como mulher amazônida, você vislumbra possibilidades de estancar a derrubada da floresta sem a intervenção de outras nações?**

*Kátia Domingos* – Nossa, Ramiro, isso tem nos preocupado muito, sei que a qualidade da vida que meus filhos e netos terão depende do que pudermos fazer agora. Estamos vivendo claramente diante de um cenário polêmico, de muitas incertezas. Sabemos hoje que não são poucas as potências mundiais descontentes com a forma política... a forma que o nosso governo brasileiro vê a exploração econômica na Amazônia. O próprio presidente defende a ampliação das atividades econômicas na nossa Amazônia, mas questionando a importância de adotar ações de proteção ambiental. Nossa! Eu não entendo esse homem... E, assim, no contexto em que nos referimos... em que vivemos agora, observando-se o atual cenário político e econômico do Brasil, infelizmente creio que uma intervenção de outros países é quase que inevitável... É questão de pouquíssimo tempo até que tenhamos um questionamento sério sobre a nossa soberania territorial. Não vejo o atual governo olhar com a seriedade devida para essa urgência. Neste sentido, o Brasil acabará por permitir que outros países interfiram em uma problemática que é nossa: resolver a questão econômica dos povos e populações amazônicas, claro, sempre de dentro pra fora; ouvindo as soluções que as próprias comunidades elaboram. Mas, resolver isso sem gerar uma crise ambiental para o mundo, em uma floresta que é nossa e que por isso, caberia a nós protegê-la... Nossa, fica cada vez mais difícil afirmar que a floresta é nossa, que foi nutrida por nossos antepassados, com tudo o que está acontecendo. Quando a gente bradava contra o desenvolvimentismo na Amazônia junto com os companheiros do movimento sindical, há muitos anos, nunca imaginamos que pudéssemos viver em um cenário como esse. Como amazônida, como amapaense, como mulher, eu sei que o tempo para resolver isso está

esgotado e eu temo pelo que possa vir, se o nosso governo não retomar o caminho do equilíbrio.

**Ramiro Esdras – Kátia, a pandemia demonstrou uma desigualdade monstruosa entre as políticas de vacinação na fronteira, a ponto de brasileiras e brasileiros de distintas origens terem atravessado o rio para se vacinarem no território ultramarino francês. Existe alguma coisa que ainda se pode dizer sobre a atuação do Estado brasileiro na pandemia do COVID-19?**

*Kátia Domingos* – Com certeza o Brasil ainda precisa avançar muito no que diz respeito às políticas públicas de cuidado à saúde de sua população. Temos um sistema público de saúde em falência por puro descaso político. Não fosse isso, não apenas a vacinação teria avançado, mas todas as outras áreas de atendimento hospitalar. Abrindo aqui um parêntese na sua pergunta, considero inaceitável, por exemplo, que nossos conterrâneos, pessoas que fazem controle de doenças crônicas ou até mesmo câncer, terem de buscar um atendimento eficaz, decente e humanitário na Guiana Francesa. Isso foi um dos muitos relatos que ouvi dos franco-brasileiros com quem convivi. Por que não podem ter acesso a tratamento análogo aqui no seu país de origem, junto aos seus entes queridos? A vacinação agora, ao que me parece, tem avançado e salvado vidas, mas veja o preço que tivemos que pagar! Perdi pessoas tão queridas e especiais por falta de um atendimento adequado por ocasião de suas internações [pausa]. Quero continuar crendo que as coisas vão melhorar e que este governo vai expandir sua compreensão acerca da Pandemia, que vai investir mais na prontidão do acesso à vacina, inclusive nas nossas fronteiras. Ele poderia iniciar com a simples atitude de deixar de boicotar o processo de vacinação no território brasileiro, criticando a exigência da vacina, pois segundo o nosso presidente, é prioritário defender o direito de escolha de cada um, justificando, em uma lógica absurda, que isso é respeitar os direitos dos cidadãos brasileiros de acessarem livremente. Para nossa tristeza e vergonha, o direito de proteção à vida virou uma questão de opinião de pessoas que não tem conhecimento sobre o tema. As políticas públicas de saúde tornaram-se uma questão de opinião individual, como se fosse possível que cada um decidisse se toma ou não a vacina. Veja a que ponto chegamos! Não sei se te respondi, mas ainda é muito difícil falar desse assunto.

## Referências

- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). 2002. *Convenção contra o Crime Organizado Transnacional*. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/convencao-da-onu-contracrime-organizado-transnacional-comemora-10-anos/>> Acesso em 13 de agosto de 2018.
- Santos, Fabio. 2021. *Unidos pelo rio, separados pela ponte: desigualdades entrelaçadas na fronteira franco-brasileira*. Confins [On line], 51 | 2021. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/confins/39505>> Acesso em 03 de janeiro de 2022.
- Shelley, Louise. 2010. *Human Trafficking: A Global Perspective*. Cambridge University. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XY8uJoYkNBsC&oi=fnd&pg=PR2&dq=Shelley,+Louise.+2010.+Human+Trafficking:+A+Global+Perspective&ots=MEFqUd3NWC&sig=kzYSvirHfB3xOj9AjW-o1Lpbh6U#v=onepage&q=Shelley%2C%20Louise.%202010.%20Human%20Trafficking%3A%20A%20Global%20Perspective&f=false>>. Acesso em 13 de novembro de 2020.